

1879

Carlos Augusto de Andrade, nascido em 1855, de origem modesta, arrimo de família, autodidata e antigo tipógrafo, a 19 de setembro, funda, ao lado de seu irmão Francisco e de companheiros do recém-extinto *Diário de São Paulo*, o primeiro vespertino da cidade, a *Folha da Tarde*. No mesmo ano, desentendendo-se com alguns dos antigos companheiros, funda a *Gazeta do Povo*, um jornal moderno, bem recebido pelo público.

1880

Desligando-se de *A Gazeta do Povo*, Carlos Augusto entra para *O Constituinte*, diário de propriedade de Joaquim de Almeida Leite Moraes e Basílio Machado, distinguindo-se ali como jornalista de talento. Leite Moraes, de família tradicional e abastada, lente da Faculdade de Direito de São Paulo, deputado por três vezes à Assembléa Provincial, casara-se, ainda estudante, com Ana Francisca de Andrade, moça de condição humilde — filha de lavadeira. Dona Aninhas — assim chamada pelo marido — é prima de Manuela Augusta de Andrade, mãe de Carlos Augusto.

1881

Nomeado Presidente da província de Goiás, Joaquim de Almeida Leite Moraes ali exerce seu mandato de 1º de fevereiro a 9 de dezembro. Carlos Augusto de Andrade o acompanha como secretário particular. Ambos fazem uma longa viagem pela região, através dos rios Vermelho, Araguaia e Tocantins, chegando até o Pará. Percorrem caminhos selvagens por onde passará Macunafma... Leite Moraes toma seus *Apontamentos de Viagem*.

1882

Regresso a São Paulo. Carlos Augusto distancia-se do jornalismo e abre a *Casa Andrade, Irmão & Cia.*, tipografia e papelaria. Leite Moraes, a 24 de agosto, torna-se catedrático de Direito Criminal.

1883

Edição às expensas do autor, dos *Apontamentos de Viagem*, na gráfica d'*A Gazeta do Povo*.

1887

Carlos Augusto casa-se, a 23 de julho, com Maria Luísa, segunda filha de Leite Moraes. O professor, não querendo separar-se da filha, convida o casal para viver com sua família, na casa da Rua Aurora, 320. Carlos Augusto acabava de cumprir a promessa feita a primeira mulher dele: conservar-se viúvo durante dez anos.

1888

Nasce o primeiro filho, Carlos, que morre aos oito meses.

1889

O segundo filho, também Carlos — nome da preferência de Maria Luísa — nasce a 11 de novembro.

1891

Carlos Augusto muda-se para Santos com a mulher, o filho e sua mãe Manuela Augusta. Trabalha como guarda-livros do irmão do sogro, exportador de café. Em Santos nasce Maria Augusta, que morre logo, vítima pelo "mal de sete dias". Maria Luísa adoece e todos voltam para São Paulo, onde seu estado se agrava em paralisia geral. A recuperação se dá em Santos, em casa alugada por Leite Moraes, com a irmã Ana Francisca e o marido totalmente dedicado a ela. Banhos na água do mar e remédios especiais devolvem-lhe, aos poucos, os movimentos. Maria Luísa anda, amparando-se nos móveis, e exercita suas mãos... passando a ferro a roupa engomada de Carlos. A ficção de Mário de Andrade — que tem como uma das características a recriação de dados biográficos — resgatará esse período santista dos pais e do irmão, fundindo-o à retomada de episódios e sentimentos na voz do narrador no conto "Tempo da Camisolinha" (1939, 1943). Além disso, a maior parte das personagens femininas se chamará Maria e, das masculinas, Carlos.

1893

A 9 de outubro, nasce em São Paulo, na casa da Rua Aurora, 320, centro da cidade, MÁRIO RAUL DE MORAES ANDRADE.

1895

Morte do avô Leite Moraes a 1º de agosto. Carlos Augusto de Andrade constrói um grande sobrado de esquina no Largo do Paissandu, 26, mudando-se para lá, no ano seguinte, com a mulher, os filhos, a sogra e a cunhada Ana Francisca, madrinha de Mário. Esta, a Tia Nhandã, moça de grande beleza, mantendo-se solteira por força de um amor contrariado, passará toda a vida em companhia da irmã. Para a casa do lado, à Rua Visconde do Rio Branco, vai a cunhada mais velha de Carlos Augusto, Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha. Enviuvando em 1887, vivia com os filhos em casa do pai. Essa vizinhança proporcionará a Mário e a seus irmãos infância e juventude cheias de primos e outros parentes. Ao pessoal de São Paulo juntavam-se periodicamente primos de Araraquara, da família de Cândido Lourenço Correia da Rocha, marido de Isabel. A ficção de Mário de Andrade recuperará a figura das duas tias: Ana Francisca — doce, delicada e hábil tricoteira, tecerá os sapatinhos do filho de Macunaíma — e Isabel — severa e repressiva — será a Tia Velha do conto "Vestida de preto" (1839, 1943).

1899

A 6 de fevereiro, nasce Renato. Mário está enamorado de Maria da Glória Capote Valente, aparentada com sua família. O amor de criança prolongar-se-á até o final da adolescência, sem a presença, contudo, de qualquer compromisso social. Esta Maria primeira será o primeiro dos "quatro amores eternos" do protagonista-narrador de "Vestida de preto" e do poeta Mário de Andrade. Aos 6 anos entra para o Grupo Escolar da Alameda do Triunfo, perto de sua casa.

1900

Carlos Augusto de Andrade é nome conhecido em São Paulo: comerciante, guarda-livros dis-

putado, amigo do teatro (será um dos proprietários do Teatro São Paulo); edita a aplaudida comédia de sua autoria *Palavra antiga*. Gosta de promover em sua residência representações de peças curtas da própria autoria e de outros.

1901

A 17 de agosto, nasce a caçula da família, Maria de Lourdes. As brincadeiras de meninas, vindas da convivência de Mário com a irmã e as primas, ecoarão em *Amar, verbo intransitivo*. Ali, Maria Luísa, filha mais velha dos Sousa Costa, repete a fragilidade da saúde de Maria de Lourdes, na infância.

1904

Primeira Comunhão de Mário de Andrade, a 8 de dezembro, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Desse ano ou do anterior é o primeiro poema "Fiorí de-lapá", cantado, com palavras inventadas. Conclusão do grupo escolar.

1905

Mário ingressa no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, dos Irmãos Maristas, congregação de origem francesa destinada à educação da juventude católica. Os professores são franceses, belgas e brasileiros. Aspectos da adolescência em um colégio religioso serão recuperados pela ficção mariodeandradiana em "Frederico Paciência" (1924, 1942). Nas férias de junho de 1905, muito provavelmente, o menino tem seu primeiro encontro com o mar, viajando para Santos a convite de parentes. A lembrança desse momento ficará na crônica "O Mar", de 1932.

1908

Inteligente, porém, estudante pouco interessado, Mário de Andrade repete o ano escolar em Grego.

1909

Compromisso com a congregação da Imaculada Conceição, da igreja de Santa Ifigênia, da qual já fazia parte o irmão Carlos que se forma em direito nesse ano e continua os estudos de Filosofia.

Mário de Andrade é bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Terminado o curso, o aluno desmotivado transforma-se: estudioso, multiplica leituras e passa a cuidar com avidez de sua formação; frequenta concertos, conferências. Economizando a mesada curta, compra o primeiro quadro: Torquato Bassi, acadêmico... Começa a estudar piano em casa, com a mãe e a tia.

O irmão mais moço, Renato, desejando ser pianista concertista, está no Conservatório Dramático e Musical. A instituição solicita frequentemente ao pai, Carlos Augusto, serviços de guarda-livros e termina por convidá-lo para tesoureiro-administrador.

1910

Matriculando-se na Escola de Comércio Álvares Penteado, visando à carta de guarda-livros, Mário ali permanece apenas dois meses, desentendendo-se com o professor de Português, Gervásio de Araújo, por questão de normas gramaticais. Carlos Augusto apóia o filho em carta de protesto que não chega, contudo, a enviar ao professor. Em 1910, Mário de Andrade está no primeiro ano da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, vinculada à Universidade de Louvain e funcionando no Mosteiro de São Bento. Cursa somente o primeiro ano; tem dificuldade em acompanhar as cadeiras de Filosofia, mas é ali que ocorre seu grande encontro com a literatura, conhecendo autores mais modernos (ainda não as vanguardas...) Nas aulas de Monsenhor Sentroul — belga — e nas conferências dele e de outros, nos anos subsequentes, entra em contato com Verhaeren, Francis Jammes, Claudel, Gustave Kahn, Bergson, os unanimistas e os poetas de Abadia. Começa a comprar livros. Monsenhor Sentroul, ou Montroul na boca de uma personagem, é nome que permite a identificação da autoria do esquete "Fêmeina", que Mário publicará sem assinatura em 1920, em *Papel e Tinta*.

1911

Mário entra para o Conservatório depois de exames que o habilitam para o terceiro ano. Estuda piano e as matérias teóricas básicas; deseja, ele também, agora, ser concertista.

1912

"Aluno praticante" (monitor), ensina, sem remuneração, princípios de Teoria Musical no Conservatório.  
Sócio fundador da Sociedade Cultura Artística.

1913

Monitor até a metade do ano, passa a lecionar também piano; em setembro, é professor substituto de História da Música. A 21 de abril participa do festival comemorativo do 4º aniversário da Congregação da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia tocando Schubert; o discurso da festa é de Carlos Augusto. A 22 de junho Mário de Andrade sofre um rude golpe; o falecimento do irmão Renato, vitimado, aos 14 anos, por complicações decorrentes de uma estúpida cabeçada em jogo de bola no ginásio. Trabalhando em excesso, abalado pela morte do irmão caçula muito amado, Mário é presa de funda crise emocional, perdendo o gosto de viver. Pio Lourenço Correa, o "Tio Pio", casado com Zulmira, sobrinha de Maria Luísa, leva o jovem para sua fazenda em Araraquara. Mário volta em setembro, recuperado da depressão e poeta assumido. Desiste da carreira de concertista; as mãos haviam se tornado trêmulas. Contentar-se-á em ser um excelente professor de interpretação, formando pianistas.

1914

Como aluno do Conservatório, participa, a 30 de novembro, de audição pública, interpretando ao piano *Romanza* de J. Gomes; está matriculado no primeiro ano de Canto. Escreve poesia e ficção — "Conto do Natal". Admirador de Vicente de Carvalho, envia-lhe, provavelmente neste ano, sonetos, pedindo-lhe opinião. Certificando-se do recebimento da carta — registrada — e não obtendo resposta, Mário toma a resolução a que se manterá fiel: dar atenção sempre a todos que viessem a lhe escrever, mormente os jovens, os estreates.

1915

Primeiro texto na imprensa: a crítica musical "No Conservatório Dramático e Musical: Sociedade de Concertos Clássicos", no *Jornal do Commercio*, a 11 de setembro, assinada M. Conclui o curso de Canto no Conservatório.

1916

Ampliando a cultura, esbarra no *Index*; congregado mariano zeloso, requer ao Vigário Geral do Arcebispado de São Paulo permissão para ler *Madame Bovary*, *Salambô*, Maeterlink, Heine e o *Grand Dictionnaire Larousse*. Em Heine, *Reisebilder* e *Neue Gedichte*, a primeira menção a obras na língua alemã.

Amplia sua biblioteca com obras de História da Arte e Literatura.

Realiza manobras em Gericinó (Rio de Janeiro), concluindo como voluntário o Serviço Militar em novembro.

1917

Morte do pai a 15 de fevereiro, durante o Carnaval.

Assiste a conferências na Sociedade de Cultura Artística, como a de Alfredo Pujol, em março, e na Faculdade de Filosofia do Mosteiro de São Bento, onde o irmão Carlos, já formado, participa de centro de estudos.

Publica, com suas economias, em junho, *Há uma gota de sangue em cada poema*, sob o pseudônimo de Mário Sobral. Poesia modernizante de cunho pacifista, nas linhas de unanimismo, da Abadla, com determinadas ousadias à Verhaeren, é sobretudo o livro de um cristão. Aí está a primeira abertura para a participação, para a futura multiplicação do ser do poeta em "trezentos, trezentos e cinquenta". O projeto gráfico é do autor: uma gota vermelha ilustrando a capa e cada poema... A crítica recebe bem a estréia. Mário já iniciou sua *Marginália*.

Em novembro, encontro com Oswald de Andrade, jornalista que leva para o *Jornal do*

*Commercio*, no dia 22, o discurso "O Brasil na Guerra" com que Mário saudara Elói Chaves, conferencista no Conservatório.

Encontro com Anita Malfatti e o modernismo na histórica exposição em São Paulo (12 dez. 1917 - 10 jan. 1918). Mário realiza várias e demoradas visitas às obras; torna-se amigo da pintora. Ali, se dá o primeiro encontro de futuros modernistas: Mário, Oswald, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Di Cavalcanti. Forma-se professor de piano e direção pelo Conservatório, continuando a lecionar na instituição até 1938.

1918

Pede admissão ao noviciado da Venerável Ordem Terceira do Carmo; ano compromissal de 1917-18.

A 14 de abril apresenta a 1ª audição de seus alunos de piano no Conservatório. Começa a estudar inglês e provavelmente alemão, entusiasmado com o expressionismo vislumbrado em Anita.

A 21 de junho recebe diploma de Membro da Congregação da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia.

Colabora n' *A Gazeta* como crítico de música; ali publica, a 3 de setembro, o artigo "A Divina Preguiça", primeira valorização sua do ócio criador que *Macunaima* consagrarla. Manda sonetos para *O Echo*.

1919

Profissão de fé a 19 de março, como irmão da Ordem Terceira do Carmo. É colaborador de *A Cigarra*, *O Echo*, *A Gazeta*.

Em junho, primeira viagem a Minas Gerais, passando pelas cidades históricas; descobre o barroco e o Aleijadinho. Em Mariana, visita o poeta simbolista de sua admiração, Alphonsus de Guimaraens.

Continua a colaborar em jornais e revistas. Está estudando o alemão com Else Schoeller Eggebert, esposa de organista, admiradora de Wagner, da música moderna e do expressionismo. Por influência dela, amplia o conhecimento musical: Berg, Schoenberg, etc. Lê a *Deutsch Kunst und Dekoration*, onde há reproduções da obra expressionista.

1920

Colaborador assíduo de *Papel e Tinta*, revista modernizante de São Paulo; publica contos, esquetes, críticas e a carta-aberta ao presidente do Estado defendendo o nacionalismo na estatutária pública, assinada por Saci Pererê. Está na *Ilustração Brasileira* e na *Revista do Brasil*, ambas do Rio de Janeiro; declara-se cronista.

Integra os "avanguardistas" de São Paulo com Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme e Tácito de Almeida, Rubens Borba de Moraes, Di Cavalcanti. Frequenta o estúdio de Brecheret e relaciona-se com Haarberg. Lê Whitman e obras das principais vanguardas modernistas da Europa; entre elas, a antologia da poesia expressionista, *Menschheits Dämmernung*. Congregado mariano, solicita à Cúria metropolitana permissão para ler autores no *Índex*: Ada Negri, Fegazzaro, d'Annunzio. Em *Miscelanea*, periódico católico, assina as "Eclesiásticas" (até 1921). Já iniciou a coleta de documentos musicais do folclore e da cultura popular. Em dezembro, compra o bronze de Brecheret *Cabeça de Cristo*. Escreve os poemas de *Paulicéia desvairada*, primeiro livro modernista e moderno brasileiro.

1921

Carlos, o irmão mais velho, casa-se com Celeste Salles de Andrade. A mãe vende o sobrado da família e adquire três casas na Rua Lopes Chaves, Barra Funda: a de esquina, nº 108 (depois 546) para ela e a filha, as outras duas, para Carlos e Mário. Não se casando este, alugará e depois venderá a terceira. O escritor viverá com a mãe e a tia até o final de sua vida. Mudando-se para a Barra Funda, Mário de Andrade, com base em mobiliário presente na *Deutsch Kunst und Dekoration*, desenhará mesa e estantes suas executadas no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. A casa na Rua Lopes Chaves figurará em poema da *Lira Paulistana* (1944). Em janeiro, participa do Banquete do Trianon, quando Oswald oficializa o modernismo. Em abril participa do 2º ciclo de conferências na Vila Kyrial do mecenas Freitas Valle, apresentando *Debussy e o impressionismo*. A 27 de maio sai do anonimato com o artigo de Oswald de Andrade "Meu poeta futurista", no *Jornal do Commercio*. No mesmo periódico, Mário responde ao amigo com "Futurismo?", a 6 de julho, repudiando rótulos estéticos e firmando sua própria pesquisa da modernidade.

Escreve para o *Jornal do Commercio* a série "Mestres do passado" contra o parnasianismo (2, 12, 20, 23 de agosto e 1º de setembro). Viagem ao Rio em outubro para contatos com os modernistas cariocas; encontro com Manuel Bandeira; leitura de *Paulicéia desvairada* em casa de Ronald de Carvalho. Conhece Villa Lobos. Em dezembro, redação do "Prefácio Interessantíssimo" do livro de poemas *Paulicéia desvairada*; programa modernista teorizando sobre a polifonia poética.

1922

Professor catedrático de Estética e História da Música e Piano, no Conservatório. Participa da Semana de Arte Moderna de São Paulo, de 13 a 18 de fevereiro, no Teatro Municipal; recita poemas de *Paulicéia desvairada* e, no intervalo, na escadaria, lê texto teórico, provável primeira versão da poética *A Escrava que não é Isaura*, aliás, anunciada em *Klaxon* como "A poesia moderna". Conceituado professor de piano, ante a repercussão da Semana na mentalidade acanhada da cidade, perde os alunos particulares.

Custeia, na Casa Mayença, a impressão de *Paulicéia desvairada*, cuja capa projeta, inspirando-se no *Arlecchino* de Soffici. Está no grupo da revista *Klaxon*, multiplicando-se em colaborações e pseudônimos; faz ali, a primeira defesa do cinema nacional.

Em junho, no 3º ciclo de conferências de Vila Kyrial, fala, no dia 14, sobre a poesia modernista.

Em agosto participa de manobras militares para reservistas.

Escreve *Losango Cáqui*, poesia experimental, "literatura de circunstância".

Com a volta de Tarsila do Amaral da Europa, forma com ela, Anita Malfatti, Oswald de Andrade e Menotti del Picchla o Grupo dos Cinco.

Inicia a correspondência com Manuel Bandeira.

1923

Estuda alemão com Kaethe Meichen-Blosen, de quem se enamora. A professora de línguas proporcionará a protagonista de *Fraulein*, depois, *Amar, verbo intransitivo*, idílio, ou narrativa em prosa experimental, iniciada nesse ano. Frequenta a Vila Fortunata e, no 4º ciclo de Vila Kyrial, sua conferência, em 20 de junho, é: *Paralelo entre Dante e Beethoven*. Completa a redação de *A Escrava que não é Isaura*, poética modernista. Escreve "Carnaval carioca", poema. Faz parte da revista *Artel*, de São Paulo. Dá início às dez "Crônicas de Malazarte" na *América Brasileira*, do Rio, em outubro, publicando dois dos contos de Belazarte. Primeiras leituras de psicanálise, do marxismo; com base na poesia popular, começa a se preocupar com o Seqüestro da Dona Ausente. Oswald de Andrade e Sérgio Milliet, em Paris, põem Mário em contato com Blaise Cendrars, Ivan Goll e Marinetti; troca de livros e dedicatórias.

1924

Entusiasma-se com a Revolução e a figura de Isidoro Dias Lopes.

Traduz do alemão *Lieder* e outras canções para o programa do recital de canto de Lotte Winzer Sievers, no Conservatório, a 14 de abril. Realiza a histórica "Viagem da descoberta do Brasil": Semana Santa dos modernistas e seus amigos acompanhando Blaise Cendrars, detendo-se em povoações e cidades históricas de Minas Gerais. Contato intenso com a cultura popular de onde partem soluções para *Clã do Jabuti*, na poética de Mário de Andrade, de ligação estreita com a música: a toada, o romance, a moda de viola. Escreve "Noturnos de Belo Horizonte" e "O poeta come amendoim". O escritor posiciona-se no nacionalismo de cunho mais crítico. Dá início, na poesia, à "desgeograficação" do espaço.

Desenvolve intensa pesquisa de língua adotando a fala brasileira como instrumento de expressão do narrador em *Amar, verbo intransitivo* e de Belazarte, nos contos. Participa, a 30 de abril, do 4º ciclo de Vila Kyrial com *O Cubismo*.

Está piatonicamente apaixonado por D. Carolina da Silva Telles que lhe inspira os poemas de "Tempo da Maria" futuramente publicados em *Remate de Males*.

É sócio do Automóvel Club de São Paulo.

Envia textos para *Estética*, revista do modernismo carioca.

Compra a máquina de escrever Remington, apelidada Manuela em homenagem ao amigo Bandeira.

1925

Colabora n' *A Revista* de Belo Horizonte. Escreve artigos sobre Blaise Cendrars n' *A Revista* (nº 1) e em *Estética* (nº 3). No nº 3 de *Estética* publica carta-aberta a Alberto de Oliveira,

reforçando ideais modernistas. É um dos convidados para o primeiro balanço da renovação artística, o *Mês Modernista de A Noite* (Rio de Janeiro, de 14 de dezembro de 1925 a 12 de janeiro de 1926).

Escreve "Louvação Matinal" e "Louvação da Tarde", de *Remate de Males*; o último, valiosa reflexão sobre a criação poética.

Adquire a importante tela de André Lhote, *Futebol*, através de Tarsila, na volta de uma das viagens dela à Europa.

Publica *A Escrava que não é Isaura*, discurso sobre algumas tendências da poesia modernista. Começa a corresponder-se com Carlos Drummond de Andrade.

#### 1926

*Losango Cãqui*, poesia; capa: Di Cavalcanti. Compõe *Viola quebrada*. Acumulando leituras de literatura popular e de etnografia, encontra o anti-herói *Macunatma* no lendário indígena recolhido por Koch-Gruenberg em *Vom Roraima zum Orinoco*; passa a reunir material para a rapsódia que redigirá nas férias de fim de ano na "chacra" de Tio Pio, em Araraquara. *Macunatma o herói sem nenhum caráter* tem a primeira versão em trabalho ininterrupto de uma semana.

Colabora na *Revista de Antropofagia*, na *Revista do Brasil* e em *Terra Roxa e outras Terras*. A convite de Oswald de Andrade, torna-se crítico do jornal carioca *A Manhã*, suplemento de São Paulo.

Leitor de *Der Querschnitt*, inicia a experiência de fotógrafo amador que irá até 1931.

#### 1927

Realiza entre maio e agosto a primeira "viagem etnográfica" ao Norte, percorrendo parte da Amazônia e chegando a Iquitos, no Peru, única ausência sua do Brasil. Da viagem resultará o diário *O Turista Aprendiz* (1ª parte) e o fortalecimento do intercâmbio com modernistas do Norte e do Nordeste. Começa a escrever a narrativa *Balança, Trombeta e Battleship* que ficará inédita.

Publica, custeando a impressão, *Amar, verbo intransitivo* — idílio — e *Clã do Jabuti*.

Trabalha o texto de *Macunatma*. Entra para o recém-fundado *Diário Nacional*, órgão do Partido Democrático, a que se filia. Nesse jornal deixa sua maior produção de textos de jornalista; mais de mil textos: críticas, crônicas, poemas, contos, entre agosto de 1927 e setembro de 1932, quando o jornal é fechado.

Colabora em *Verde*, de Cataguases.

Lazer na Fazenda de Tarsila, *Santa Teresa do Alto*, na companhia de Segall, Souza Lima, Oswald e o palhaço Piolim.

#### 1928

Em maio sai do prelo *Macunatma*; meses depois, o *Ensaio sobre a Música Brasileira*. Deixa de publicar os prefácios (1926 a 28), escritos para a rapsódia *Macunatma*.

Em junho, conferencista disputado, fala em Piracicaba sobre a música brasileira; estuda o canto orfeônico.

Em setembro, redação do libreto de *Pedro Malazarte*, ópera cômica.

Entre dezembro deste ano e fevereiro do seguinte, realiza a segunda "viagem etnográfica", demorando-se no Nordeste em trabalho de coleta de documentos musicais: música de feitiçaria, cocos, danças dramáticas, romances, cantos de trabalho etc...

No Nordeste encontra Chico Antônio, cantador que reputa genial; transforma-o em personagem do romance abandonado *O Café e de Vida do Cantador* (1944). Durante a viagem escreve para o *Diário Nacional* as crônicas de *O Turista Aprendiz*.

#### 1929

Assina, como cronista, a coluna "Táxi" no *Diário Nacional*. Planeja, com o material nordestino e o da viagem de 1927, a obra de fôlego *Na pancada do ganzá*, que deixa inédita. Os livros que a compõem: *Danças dramáticas do Brasil*, *Música de feitiçaria no Brasil*, *Melodias do bol e outras peças*, *Os cocos* recebem publicação póstuma, graças ao trabalho de Oneyda Alvarenga. Inicia pesquisa para o *Dicionário musical brasileiro*, obra que não conclui, hoje editada por Flávia Toni.

Prosegue nas leituras etnográficas, políticas e psicanalíticas.

Publica o *Compêndio de História da Música*. Projeta viagem ao Sul, mas não a concretiza.

Estes são anos férteis e alegres para Mário; escreve os "Poemas da negra" e os "Poemas da Amiga", pontos altos em sua lírica. Inicia o romance *O Café* que ficará inacabado. Rompimento da amizade com Oswald de Andrade.

1930

Mário apóia a Revolução que, vencedora, liberta seu irmão Carlos, preso durante a campanha. Participa da comissão que reformula a Escola Nacional de Música do Ministério da Educação. Defende o nacionalismo musical. Publica na *Ilustração Brasileira* o importante ensaio "Origens do fado".

Livros: *Modinhas imperiais*, crítica e antologia e *Remate de Males*, poesia que transcende o nacionalismo, marcando o nacional e o humano.

Trabalha com Lucino Gallet na reforma do Instituto Nacional de Música, a pedido do Ministério da Educação.

1931

Em janeiro, polemiza, no *Diário Nacional*, com a Rádio Educadora: defesa da elevação de nível dos programas musicais. Nesse jornal, entre novembro e dezembro, escreve "Maleita" (I e II) e "O Castigo do Ser" (I-III) colocando sua filosofia de vida como artista brasileiro, advogando o primitivismo. Poemas de "Rito do Irmão Pequeno" e de "Girassol da Madrugada", este marcando o advento do "quarto amor eterno" de sua vida. Dirige com Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado a *Revista Nova*.

1932

Adere paulatinamente à reação paulista e apóia o movimento de 32, ainda que com escrúpulos e hesitações; nesse momento, assina Luís Pinho nos contos que publica no *Diário Nacional*; durante o movimento não escreve textos de opinião ou exortação; recolhe e divulga o "Folclore da Constituição". Colabora no *Boletim de Ariel* e na *Revista Nova*.

Tradução de poemas de *Clã do Jabuti* por Ignez Teltscher.

Início da correspondência com Oneyda Alvarenga.

1933

Torna-se crítico do *Diário de S. Paulo* (até 1935).

Completa 40 anos; adocece com nefrite.

As doenças de Mário de Andrade, numerosas e repetidas, como bem nos mostra Carlos Drummond de Andrade em *A Lição do Amigo*, multiplicam-se a partir desse ano, ligadas que estão a seu estado emocional depressivo. A crise se instala, mais branda ou profunda, prolongando-se até a morte do poeta, em 1945. Doente, recorre, várias vezes, como na juventude, a temporadas na "Chacra" da Sapucaia, de Tio Pio. A angústia desse ano de 1933 molda os poemas de "Grã Cão do outubro" e de "O Grifo da Morte".

Conferência na Escola Nacional de Música sobre "Música de Feitiçaria no Brasil".

*Amar*, verbo intransitivo recebe tradução para o inglês por Margaret Richardson Hellingsworth; a Editora Macaulay, de Nova Iorque, faz com que Mário responda, para o lançamento da obra, questionário dando seu perfil de escritor — o "Inquérito Macaulay".

1934

Em janeiro "estação de águas" em Lindóia.

Publica no *Diário de S. Paulo* o ensaio "Os congos" (18, 25 mar. 5 abr.) e faz conferência sobre o assunto na Sociedade Felipe de Oliveira do Rio; trabalha sobre material colhido na viagem ao Nordeste.

Cria e passa a dirigir a Coleção Cultura Musical, das Edições Cultura Brasileira, de São Paulo. Colabora em *Festa* e no *Boletim de Ariel*. Publica *Belazarte e Música, doce Música*.

Fábio Prado, prefeito de São Paulo, convida Mário de Andrade para participar do Departamento de Cultura.

1935

É nomeado, a 31 de maio, simultaneamente, Chefe da Divisão de Expansão Cultural e Diretor do Departamento de Cultura (em comissão); o último cargo torna-se definitivo a 4 de julho.

Em agosto, inaugura a Discoteca Pública, convidando a discípula Oneyda Alvarenga para dirigi-la. Cria parques infantis e projeta casas de cultura; manifesta simpatia por A Bandeira. Publica *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo*; colabora na *Revista Brasileira de Música*.

1936

Em janeiro, casa-se a irmã Maria de Lourdes que se muda da rua Lopes Chaves. No Departamento de Cultura, promove concursos sobre assuntos variados como: mobília proletária, suíte para banda, peça sinfônica e quarteto de cordas, leitura educativa. Elabora o ante-projeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Colabora na *Revista do Arquivo Municipal*. Como paraninfo no Conservatório, profere o discurso "Cultura Musical", um importante ensaio. Correspondência iniciada com Rodrigo Mello Franco de Andrade.

1937

É contra o Estado Novo. Projeta o Regulamento do Departamento de Cultura. Promove, por lá, em junho, o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada que estabelece normas de pronúncias para o canto; apresenta os trabalhos: "Ante-projeto de língua padrão para o canto erudito", "Os compositores e a língua nacional", "A pronúncia cantada" e "O problema da nasal nos discos"; publicados nos *Anais do conclave*. Contrata, pelo Departamento, o casal Claude e Dina Lévi-Strauss para ministrar curso de Etnografia.

1938

Na impossibilidade de acumular cargos, desliga-se do Conservatório. Cria, ao lado do casal Lévi-Strauss, a Sociedade de Etnografia e Folclore, tornando-se o primeiro presidente; *O Boletim* da Sociedade publica o resumo da Conferência de Mário sobre o Seqüestro da Dona Ausente. É contratado como assistente técnico do SPHAN para a região de São Paulo e Mato Grosso.

Publica o *Samba Rural Paulista*. Colaborador da *Revista Acadêmica* do Rio. Por incompatibilidade com o prefeito Prestes Maia, desliga-se, em junho, do Departamento de Cultura, mudando-se para o Rio de Janeiro, onde assume os cargos de Catedrático de Filosofia e História da Arte e Diretor no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal. Sua aula inaugural é o ensaio "O artista e o artesão".

Escreve para o *Estado de S. Paulo* e faz crítica de livros no *Diário de Notícias* do Rio; ali, sua seção, "Vida Literária" contará, até 1940, com rica produção, onde Mário selecionará artigos para o *Empalhador de passarinho*.

No Rio, mora à Rua Santo Amaro, 5, Glória. A saída do Departamento de Cultura e a frustração de ver um trabalho cortado lançam Mário em dura crise: isola-se, entrega-se à bebida periodicamente; descuida-se da saúde. Torna-se cliente de Pedro Nava.

1939

É consultor técnico do Instituto Nacional do Livro, onde elabora projeto para a Enciclopédia Brasileira. Colabora na programação cultural do Ministério Capanema.

Viagem a Belo Horizonte para as conferências "Música de feitiçaria no Brasil" e "O Seqüestro da Dona Ausente".

Publica *Namoros com a Medicina*, estudos sobre folclore; os ensaios *Cândido Portinari e A Expressão musical nos Estados Unidos*.

Frequenta grupo de jovens escritores: Murilo Miranda, Carlos Lacerda, Moacir Werneck de Castro, da *Revista Acadêmica*.

Inicia a redação de *Quatro pessoas*, romance que deixará inacabado.

1940

Intercâmbio com a Argentina através de Newton Freitas e Lydia Besouchet; reata antigos contatos da década de 20 com escritores portenhos.

Muda-se para Santa Teresa, ainda no Rio. A crise emocional se agrava, as doenças aumentam. Recusa convite de viagem a Buenos Aires, feito por *Argentina Libre*.

Trabalho no SPHAN.

Começa a correspondência com Moacir Werneck de Castro e Henriqueta Lisboa.

1941

Em março está de volta a São Paulo, à casa da rua Lopes Chaves. Comissionado do SPHAN, inicia a pesquisa sobre o pintor e compositor Padre Jesuino do Monte Carmelo. Promove o restauro do Convento de Embu e da igreja de São Miguel Paulista.

Colabora em *Clima*, onde publica "Elegia de Abril".

Retoma contos abandonados, inicia outros, compondo o elenco de *Contos novos*, neste ano e no seguinte.

1942

Solucionando o problema da incompatibilidade funcional, reassume o cargo de Catedrático no Conservatório; a aula inaugural é "A atualidade de Chopin", considerando, além da obra do compositor, o papel do artista.

Em abril, realiza, no Rio de Janeiro, no Itamarati, a convite da Casa do Estudante, o corajoso balanço *O movimento modernista*. Entendimentos com o editor Martins para publicação das *Obras Completas*.

Sócio-fundador da Sociedade dos Escritores Brasileiros; sócio-correspondente da Sociedade de Etnologia e Antropologia. Colaborador do *Diário de S. Paulo*, de *O Estado de S. Paulo* e da *Folha da Manhã*.

Recusa convites de viagem: do governo norte-americano para participar do Congresso Afro-Brasileiro no Haiti, da Fundação Rockefeller para visitar os Estados Unidos, de Newton Freitas para ministrar cursos em Buenos Aires. Contrata, com a Editorial Losada, de Buenos Aires, livro sobre Portinari.

1943

Escreve para a *Folha de S. Paulo* o ensaio "Arte inglesa" e as "lições" da "Vida do Cantador". Inicia a publicação das *Obras Completas*, com a *Pequena História da Música, Os Filhos da Candinha*, crônicas e *Aspectos da Literatura Brasileira*.

Escreve os poemas de *O carro da Miséria*.

Mário fuma Petits Londrinos, cigarro forte da Cia. Souza Cruz.

1944

Repudia o nazismo e manifesta-se a favor da arte interessada e da liberdade de pensamento.

Escreve para a *Folha da Manhã* "Mundo Musical" e "O Banquete", séries que propõem vivíssima discussão sobre a criação artística, mormente a última, que fica inacabada (edição em 1978 por Jorge Coli e Luiz Dantas).

Escreve *Lira Paulistana*, poesia.

Em junho recebe a tradução para o espanhol e as ilustrações para *Macunatma*, ambas de autoria de Caribé. Em setembro, viagem a Belo Horizonte.

Compra o Sítio Santo Antônio, em São Roque, construção bandeirista do século XVII.

Em novembro inicia a redação do poema "A meditação sobre o Tietê", que termina às vésperas da morte, a 25 de fevereiro de 1945.

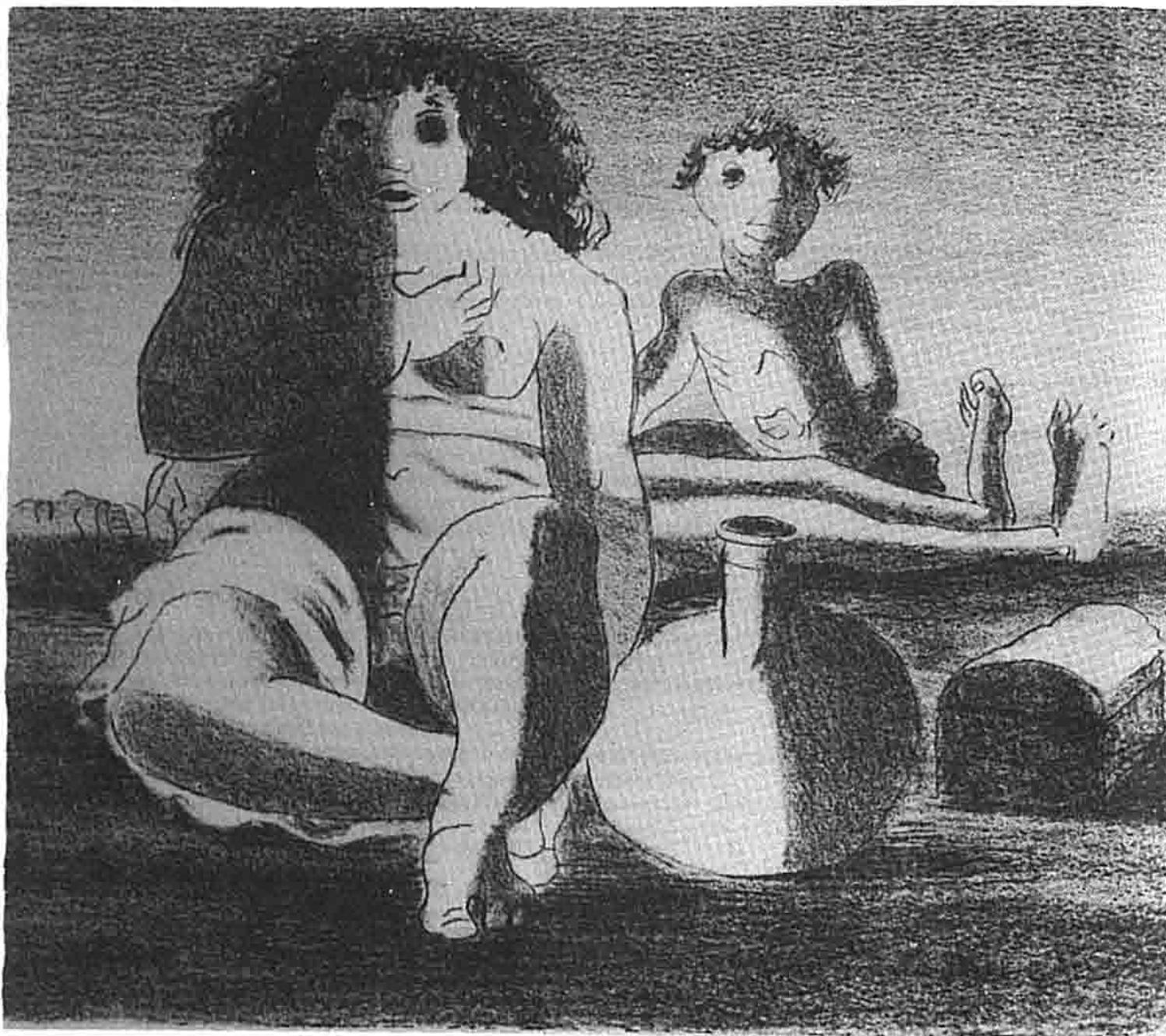
1945

Participa do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, de 22 a 26 de janeiro.

Morre a 25 de fevereiro, de enfarte do miocárdio, em sua casa da Rua Lopes Chaves.

É enterrado no Cemitério da Consolação.

Neste ano saem *Lira paulistana, Poesias*.



*Cândido Portinari. Flagelados com moringa e baú. / Litografia, 14,2x18.*